

# Fernanda Henriques e a Exploração Feminista da Filosofia de Paul Ricœur

## ANA FALCATO

*Bolsista de pós-doutoramento da Fundação Portuguesa para Ciência e a Tecnologia, conduzindo trabalho de investigação na Universidade Nova de Lisboa.<sup>1</sup>*

Em *Feminist Explorations of Paul Ricœur's Philosophy*<sup>2</sup>, Fernanda Henriques e Annemie Halsema coligem doze ensaios onde é explorado um tema central, ainda que tendencialmente negligenciado, na obra de Paul Ricœur. Trata-se do problema do Feminino. Desde a perspectiva do conflito de interpretações, pareceriam existir duas vias contrastantes para abordar este tópico. Por um lado, o conceito do Feminino – pensado a partir de uma perspectiva histórico-filosófica – poderia ser facilmente integrado num contexto de diálogo hermenêutico amplo, de forma não-problemática, como apenas mais um parceiro numa conversa cultural ampla. Por outro, a confrontação com este tema maioritariamente inexplorado poderia constituir-se numa questão hermenêutica de direito próprio, iniciada a partir de um esforço consciente de integração dialógica. A última é a abordagem seguida neste volume.

O livro está organizado em três partes e cada uma delas veicula uma visão parcial, não autossuficiente, com a qual as restantes, de alguma forma, entabularão um diálogo. A primeira parte integra quatro ensaios em que a *construção* da identidade de género é discutida a partir de ângulos contrastivos.

No primeiro ensaio, intitulado 'Ricœur, Women, and the Journey to Recognition', Morny Joy discute três importantes tópicos: a construção da identidade narrativa através de vários encontros com a alteridade do texto; a confrontação entre o pensamento de Paul Ricœur – e o próprio Ricœur – e um conjunto de conhecidas académicas que criticaram a construção da identidade narrativa em contextos de marginalização e opressão; e, finalmente, o último trabalho desenvolvido pelo próprio Paul Ricœur, e dedicado a questões de reconhecimento. A dívida histórica de Paul Ricœur para com Hegel é clara. Ainda assim, e de forma distinta do modelo hegeliano de reconhecimento, Ricœur defende uma genuína metamorfose do eu, e fá-lo num duplo sentido. Por um lado, o eu 'volta a si mesmo' após um longo desvio dialógico, alcançando uma forma de identidade possível

---

1 A consecução deste trabalho contou com o apoio individual da FCT, através da bolsa com a referência: SFRH/BPD/99511/2014. Uma palavra de agradecimento é devida à Fundação pelo apoio financeiro especificado.

2 O presente texto é versão em tradução portuguesa da recensão crítica de: *Feminist Explorations of Paul Ricœur's Philosophy*. Coordenação e Edição de Fernanda HENRIQUES e Annemie HALSEMA, London: Lexington Books, 2016. O original inglês foi inicialmente publicado em 2017 em *Hypatia: A Journal of Feminist Philosophy*. In *Hypatia Reviews Online*: <http://hypatiareviews.org/reviews/content/327>

apenas através de uma série de encontros com o Outro – um elemento historicamente válido para o percurso do próprio Paul Ricœur. Por outro lado, esse Outro que medeia entre mim e mim é respeitado na sua insubstituibilidade. É no interior desta dinâmica que os estudos feministas se assumem como interlocutores privilegiados da própria filosofia de Paul Ricœur.

Em ‘Speak to Silence and Identify Absence on Campus’, Alison Scott-Baumann discute dois modelos teóricos sobre a negatividade no Pensamento Filosófico Ocidental. Scott-Baumann começa por chamar a atenção para um projecto em que Ricœur trabalhou entre 1950 e 1970 (e que mais tarde abandonaria), no qual é minuciosamente discutida a função da negação nas filosofias de Hegel, Sartre, nos Pré-Socráticos e em Aristóteles. O capítulo relaciona o material exposto neste ficheiro com um livro escrito por Prudence Allen em 1985, no qual se ilustrava o impacto dos modelos aristotélicos da definição do feminino na cultura ocidental em geral. A assimilação institucional do pensamento de Aristóteles culminaria na inclusão das obras do Estagirita na Universidade de Paris, em 1255. A autora conclui que o silêncio de Ricœur sobre a maioria das mulheres filósofas na tradição ocidental – com a meritória excepção de Hannah Arendt – se teria ficado a dever em grande medida a uma integração não problematizadora da sua própria obra neste quadro institucional marcadamente aristotélico. Este aspecto teria sido evitável, Baumann alega, se Ricœur não tivesse abandonado o trabalho de juventude sobre a negação.

O próximo ensaio no volume, por Carlos Garduño Comparán, situa a hipótese freudiana de 1925 para explicar o feminino – que se fundaria em diferenças anatómicas básicas a partir das quais evoluiriam diferentes formações simbólicas ao longo da vida de um indivíduo – no interior da filosofia hermenêutica de Ricœur, segundo a qual diferentes configurações simbólicas plasmadas no discurso poderiam superar ou, no mínimo, suspender, diferenças empíricas. Comparán defende a ideia de que a filosofia de Ricœur nos oferece um modelo mais *nuanceado* para pensar o feminino, modelo que, entre outros benefícios, nos ajuda a prevenir posições moralistas sobre questões de género.

Em ‘Transnational Feminist Solidarities and Cosmopolitanism’, Damien Tissot problematiza a ideia de que a ‘universalidade de direitos’ ou o cosmopolitanismo possam ter alguma relevância para polémicas feministas transnacionais. O principal argumento de Tissot – que contraria muita teoria feminista corrente – é que, embora as demandas do universal não possam ser abandonadas quando se reflecte e se forjam solidariedades transnacionais entre mulheres, o universalismo deverá ser criticamente discutido e o seu papel reconsiderado, no interior de um modelo kantiano de cosmopolitismo. Colhendo inspiração maioritariamente de *Soi-Même comme un Autre* (mas também de *Le Just*), Tissot defende que um universal que pode acomodar interesses feministas tem de se enraizar histórica e hermenêuticamente. Seguindo o modelo tripartido Ricœuriano para entender o universalismo – como uma forma de se chegar a ser, como uma pretensão ‘regulativa’ e como um paradigma de tradução – Tissot defende a indispensabilidade de uma forma de pensar universal para o desenvolvimento de solidariedades transnacionais

entre os vários movimentos feministas, conquanto o respectivo enraizamento cultural seja devidamente ressaltado.

A segunda parte do livro – ‘Ricœur in Dialogue’ – conta com cinco ensaios, que estabelecem diálogos entre a obra de Paul Ricœur e a de várias feministas.

No centro do texto de Annemie Halsema, ‘The Accountable Ipse: The Ethical Self in Ricœur’s Hermeneutics and Butler’s Poststructuralism’ está a discussão de duas propostas extraordinariamente agudas para criticar a extrema autonomia do agente ético kantiano. Enquanto o eu ético Ricœuriano é maioritariamente mediado pela Cultura, o eu responsável e responsivo de Judith Butler é constituído por uma ordem normativa de tipo social e cultural. Butler baseia muito a sua abordagem na noção foucaultiana de ‘*assujettissement*’, e está perfeitamente consciente dos perigos inerentes a uma constituição normativa de subjectividade. Um diálogo com a obra de Emanuel Levinas constitui o ponto-charneira, entre a obra de Ricœur e a de Butler, para pensar o eu responsável do ponto de vista ético. De Levinas, ambos pensadores derivam o *insight* de que a ética se suporta no apoio do eu ao Outro. Halsema sugere que, malgrado as diferenças entre ambos pensadores, tanto Ricœur como Butler sugerem que o eu responsável, enquanto figura moral, não precede a lei moral mas constitui-se ele mesmo como norma da acção, que apenas ganha forma através de uma exposição directa ao Outro.

O texto de Marjolaine Deschênes, ‘Paul Ricœur and Judith Butler on the Reference and the Renewal of Discourses’, começa igualmente com uma comparação entre os projectos filosóficos de Butler e de Paul Ricœur, sendo o seu principal objectivo extrair critérios que qualquer projecto sobre uma emancipação feminista do discurso deverá satisfazer. O mais relevante ponto da sua reflexão é o reconhecimento de que a posição de Judith Butler relativamente ao sujeito do discurso, que para a autora não é mais do que um constructo social antirrealista, a impede justamente de defender uma visão robusta sobre o papel emancipatório da mulher no universo discursivo patriarcal que denuncia. Pelo contrário, Paul Ricœur defendera uma forma de realismo externalista do significado dos discursos, um paradigma em que os laços referenciais nunca são interrompidos. O capítulo termina por traçar uma nova ponte entre as ideias de Paul Ricœur e de Judith Butler sobre a constituição dos discursos e dos seus sujeitos, considerando agora as respectivas concepções sobre uma *renovação dos discursos* – ferramenta conceptual indispensável, em ambos os pensadores, para um projecto de modelação não opressiva das várias formas de apropriação de uma linguagem.

O artigo de Gonçalo Marcelo, ‘Reshaping Justice: Between Nancy Fraser’s Feminist Philosophy and Paul Ricœur’s Philosophical Anthropology’, aborda o dilema de forjar uma teoria e uma prática de justiça que ultrapasse o meramente processual, deixando espaço no interior de uma construção teórica para os aspectos concretos de casos humanos que envolvam uma exigência de justiça. Num esforço por desenvolver uma noção inclusiva de justiça, Marcelo tem como principais interlocutores Nancy Fraser e o último Paul Ricœur. Articulando a teoria tridimensional de justiça de Nancy Fraser (maioritariamente

exposta em *Scales of Justice* e escrita com o intuito de articular criticamente descrições normativas robustas de conceitos sociais e construir um modelo de distribuição de recursos) com o modelo hermenêutico Ricœuriano que permite identificar o verdadeiro sujeito de direitos, Marcelo propõe um paradigma axiológico para interpretar os maiores desafios sociais do presente bem como um conjunto de injustiças transnacionais, no interior do qual o histórico e o fundamental são inseparáveis.

Com ‘Inspiring new Feminist Perspectives: Reading Paul Ricœur with Simone de Beauvoir’, Annlaug Bjørnsnøs discute algumas similitudes pouco notadas na literatura entre os projectos éticos dos dois filósofos franceses e o respectivo impacto sobre questões de feminismo. A autora inicia a sua reflexão com uma alusão ao trabalho de um conjunto de jovens filósofas feministas que, num número monográfico da revista *Hypatia*, do ano 2010, propuseram uma agenda de investigação para o feminismo neste início do século XXI. A autora passa então a uma comparação entre as filosofias de Ricœur e Simone de Beauvoir que justamente respondem a estes desafios. Bjørnsnøs está especialmente interessada em mostrar a autonomia do projecto filosófico de Simone de Beauvoir da concepção de sujeito de Sartre e em mostrar que, no que diz respeito a um paradigma ético, afinidades entre a filosofia de Beauvoir e a de Paul Ricœur são facilmente identificáveis. A autora defende ainda que, em questões directamente afectas ao feminismo – como sejam o poder performativo da linguagem e da literatura, a liberdade e a noção de situação, bem como a dimensão ética do fenómeno intersubjectivo – a filosofia de Beauvoir e a Poética da Acção de Paul Ricœur estão manifestamente próximas e que precisamente essas afinidades fornecem pistas de respostas *práticas* para o conjunto de questões levantado pelas jovens feministas na agenda teórica de 2010.

O último capítulo da segunda parte deste volume, ‘Hermeneutics of *A Subtlety*: Paul Ricœur, Kara Walker and Intersectional Hermeneutics’, por Scott Davidson e Maria del Guadalupe Davidson, coloca em diálogo a via longa da hermenêutica Ricœuriana com a instalação da artista Kara Walker, exposta em 2014 na Domino Sugar Factory de Brooklyn, uma enorme esfinge com traços de uma mulher negra coberta de açúcar. O ensaio sublinha a necessidade da via longa da interpretação de Paul Ricœur para entender as razões que levaram milhares de espectadores a reagir à peça em questão com uma série de preconceitos não-assumidos, incluindo preconceitos raciais. Os autores sugerem que uma articulação crítica entre a perspectiva hermenêutica de Paul Ricœur e um modelo interseccional para pensar determinados fenómenos sociais permitiria beneficiar ambos os modelos teóricos, quando estes são usados para compreender um artefacto cultural tão complexo como a instalação de Walker.

A terceira parte deste livro considera uma série de conexões entre a obra de Paul Ricœur e a teologia feminista.

No primeiro texto desta secção, ‘Ricœur in Dialogue with Feminist Philosophy of Religion: Hermeneutic Hospitality in Contemporary Practice’, Pamela Sue Anderson compara a fenomenologia hermenêutica de Ricœur com abordagens contemporâneas a

uma filosofia da religião feminista. Em particular, Anderson explora o potencial para uma melhor auto-compreensão por parte do agente, que subjaz tanto à fenomenologia hermenêutica de Ricœur como a uma exploração feminista do corpo sexuado que emerge numa filosofia da religião de tipo feminista. Aplicando ainda um conjunto de ferramentas conceptuais derivados de uma hermenêutica da hospitalidade, Anderson sugere que uma intersecção entre a perspectiva Ricœuriana do ‘sujeito capaz’ e um conjunto de interpretações feministas dos mitos bíblicos e trágicos pode equipar mais habilmente o filósofo interessado em ambas abordagens disciplinares a entrar em debates sobre formas de opressão baseadas em religião, raça, sexo ou género.

O seguinte ensaio, por Stephanie Arel, intitulado ‘Paul Ricœur, Mary Daly, Attestation and Feminine Religious Studies’ comenta uma afinidade entre a filosofia hermenêutica de Ricœur e a teologia hermenêutica de Mary Daly: o poder do símbolo no deslocamento da referência directa dos discursos. Partindo da leitura Ricœuriana dos símbolos culturais como entidades não-estáticas, Arel sugere que, ao nível de um auto-transformação ontológica induzida pelo simbólico, a perspectiva Ricœuriana cruza as ideias de Mary Daly quando esta insiste em que as mulheres se descubram a si próprias independentemente de imposições patriarcais de significado. O artigo termina com uma nova ligação entre o pensamento de Ricœur no que diz respeito ao lugar que cada um atribui à figura do Outro: como testemunha de auto-atestação e como parceiro de uma dissolução de ilusões pessoais.

O último ensaio do volume, da autoria de Fernanda Henriques e Teresa Toldy, e intitulado ‘The Contribution of Ricœur’s Hermeneutics to a Feminist Perspective on Post-colonial Theology’, constrói uma série de pontes entre a hermenêutica de Paul-Ricœur e um conjunto de projectos relacionados com o feminismo pós-colonial. Partindo de trabalho desenvolvido em teologias ocidentais e não-ocidentais, um dos principais propósitos destas autoras é precisamente mostrar que o trabalho missionário e evangélico conduzido pelos Europeus ao longo dos séculos contribuiu para a imposição sobre populações não-europeias de um conjunto de modelos de compreensão do divino e do humano de teor manifestamente eurocêntrico, que tendeu a ser concebido como uma base de análise neutra. Ecoando a terminologia do sociólogo Boaventura Sousa Santos, as autoras contrapõem este paradigma hegemónico a uma ‘ecologia dos saberes’ – no fundo, um modelo muito próximo do conflito de interpretações Ricœuriano. Tal como as autoras sugerem, um modelo teórico como o Ricœuriano, por colocar uma especial ênfase na dimensão não conflitual do conflito das interpretações, pode ajudar as várias correntes de teologia pós-colonial a fazer face a injustiças históricas de duas formas distintas. Por um lado, insistindo na parcialidade das interpretações, Ricœur legitima e motiva um diálogo entre diferentes tradições que promovem a auto-compreensão. Na medida em que abandona uma visão monológica da razão humana sem por isso desistir da razão como o nosso melhor meio de resolução de conflitos, a filosofia hermenêutica de Ricœur permite ao Outro – quer esse outro seja um teólogo feminista ou um represen-

tante de qualquer outra tradição de pensamento – permanecer *Outro* através de todo o seu diálogo com a filosofia hermenêutica.

*Feminist Explorations of Paul Ricœur's Philosophy* reúne contribuições tanto de especialistas internacionalmente reconhecidos na obra de Paul Ricœur como de importantes expoentes da reflexão feminista actual. Trata-se de um livro ambicioso e provocador que situa na esfera do pensamento Ricœuriano perspectivas filosóficas pouco associadas com o seu trabalho, demonstrando o seu significado. Halsema e Henriques dão aos *scholars* da filosofia de Paul Ricœur e ao estudante de filosofia em geral uma perspectiva multifacetada sobre quão longe pode ir o conflito das interpretações sem perder de vista as principais ambições da filosofia hermenêutica de Ricœur. Não sendo embora um livro para alguém sem qualquer informação de tipo histórico-filosófico, é um trabalho que disponibiliza ao leitor com um *background* filosófico uma visão subtil de alguns tópicos e argumentos da História da disciplina que tendem, muitas vezes, a ser acriticamente recebidos.